

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

Primeira Carta de Portugal ao seu compadre John Bull squire

Recordações dum conhecimento — A vida de dois compadres — Os filhos de John e os filhos de Zé — A saudade e o "Shocking" — As camisas e as lembranças

Compadre: — Leio nos jornais do teu país, nesses lençois de gigante! pintarulados de negro, que voltas as tuas atenções para a terra que te habituaste alternativamente a desdenhar e a cobiçar, sempre sorrindo, com teu sorriso especial, halitado de *whisky* e de tabaco amarelo.

Todo eu tremo — compadre — quando te lembras de mim, que vês como um objecto de museu a guardar, com um velho montante, as conquistas que mais ou menos imaginas tuas. Quando aquela arma era util e só a coragem e a audacia dominavam, era eu o forte e tu o parasita, andando em minhas aguas à espera duma gorgeta, dalgum bocado de rochedo, de monte ou de plaino que não me servisse e te desse. Tinha contigo generosidades de nababo. Nesse tempo eras pobre. O carvão da tua ilha servia apenas para te aqueceres sob o nevoeiro que te obrigava a abusar da bebida; a manteiga, depois tua riqueza, ainda não agradava ao paladar dos povos e aí, metidos nessas ilhas, das quais só uma verdejava prados, onde pasciam os gados, ainda assim minguidinhos, tu, que já inventaras o bife, passavas uma grande parte do ano com a agua na boca, toda a agua do mar do Norte, do Atlantico e da Mancha. Aguevas, tu, bebedor de sangue. Tremias a miudo e eu julgava John Bull, compadre de algum tempo, que era de frio. Depois vim a saber que era de inveja. Dizias lá contigo: ora como é que este meu compadre, tão João Ninguem, especie de criança atrevida, cada vez que se aventura no desconhecido descobre novas terras e eu, que, pode dizer-se, nasci dentro dos oceanos, tenho que andar na sua esteira?

Ao que tu andavas, compadre, era, ao que se chama na expressiva linguagem popular e critica, à babugem.

Mas viver desses *pourboires*, dessas achegas, desses folares, se não ofendia a tua susceptibilidade de *squire*, fazia-te resmungar, sobretudo aos domingos, quando carregavas no *Pale Ale* e no *gin*.

Houve tempo em que não tiravas o pé cá de casa. Gostavas de te instalar, de dar à lingua—a tua lingua de trapos de que faziam troça os pequenos—e bebias o nosso vinho loiro, o *Port-wine*, como lhe chamas, devoravas assens dos bois gordos e espojavas-te nas relvas, nas grandes sombras, levavas sempre, na tua saca de lona, alguma cousa para a viagem e uma lembrança para as *miss*. Um dia apanhaste Bombaim; quasi ao mesmo tempo rapinaste Ceilão. Era para fazer duas pulseiras. E eu sempre ria, gargalhava; tinha que me fartasse e, se queres que te diga, já estava farto de vêr tantos pretos, pardos, amarelos a salamalequiar. Os meus filhos aventuravam-se; davam duas voltas, punham uns sinais de posse nas margens dos rios, e, cheios duma grande vontade de comer as suas uvas sob o parreiral com um pedaço de brôa, de mungir as vacas, de dançar nos adros, mandavam ao demonio a negralhada, os indianos e os chinos e voltavam, trazendo mais cousas que contar, rindo, como se narrassem as aventuras lidas em algum cricon estupendo. Tu, compadre, chegavas sempre nesses regressos deles e, sentado à nossa lareira, bem quentinho, atanchando a dentuça no bom lombo de porco, bebendo largas tarraçadas de vinho velho, escutavas; e nos teus olhos despestanados, como os dos sapinhos e os dos reptis, scintilavam faúlhas que eu, pobre de mim, satisfeito com mais aquelas jornadas romanticas, mal attribuia a teus desejos cúpidos. Julgava que eram do alcool. Só queria que a vizinhança, a Dona Espanha—sobretudo—espumasse a dizer: Os filhos de Portugal lá descobriram mais um continente. Não sei o que vão fazer a tantas terras... E depois a Madame, a França, as Alemanhas, os fanfarrões de Venesa e de Genova a morderem-se, enquanto me regalava com a fama de minhas proesas... Bastava-me isso e um pouco de pão, sob uma carvalheira. Era feliz; os rapazes, em volta, sabiam que eram falados e, cheios de sonhos, descancavam, tomando alento para novos cometimentos. Nada lhes metia medo.

Mas porque não ficam eles lá? perguntavas tu, compadre, e eu, furioso, respondia-te que os meus filhos não eram simios para viverem nessas terras, onde iam por gloria e das quais traziam o oiro, o marfim, as pedrarias, as raridades, as especiarias, mas onde não podiam residir, porque tinham saudades.

Oiço ainda a tua voz escarrada numa pergunta a que mal pude dar resposta:

—Oh! que é Soodadade? Não foste capaz de pronunciar bem o termo e eu não fui capaz de o definir. Saudade, eu sei lá o que é...? São lagrimas e apertos de coração; uma ancia de ter asas para voar como o pensamento até onde vive o nosso amor... Saudade, eu sei lá, John Bull, o que é? Olha, é como morrer pelo desejo de vêr quem se ama... E morre-se disto como os rouxinóis em suas gaiolas com a lembrança dos campos que deixaram... E eles são de cá, os rouxinóis, com eles aprendemos a dizer saudade... Saudade, John Bull, é uma cousa que tu não percebes.

—Oh! non... Soodadade, é asneira... *Schocking*.

Disseste, riste, bebeste mais uma golada, e achaste-me tolo, pateta.

Tenho a certeza — compadre — que nesse dia fez-te mais especie, como é uso dizer-se cá na península, a minha prosperidade.

Então, sem me dizeres nada, agarravas nos teus rapazes ruivos, pé-sudos, cheirando a nicotina e a gin, meias-lhes numa maleta de mão uma camisa, um cachimbo, um par de meias e uma Biblia e dizias-lhes: Vão p'ra casa do compadre... Olha que em se acabando a roupa ficam nós e tenho cá outra gente miuda a sustentar...

Eles vinham, adaptavam-se, faziam-se docéis, penetravam na minha vida, pediam para lhes darem, à mesa, fatias de paio e fatias de territorio em Africa e na India e tu nunca mais oviás falar deles, a não ser quando te catam em casa, de grilhões de ouro com berloques, botas de coiro de polimento, chapéu alto de aba direita e uma meia dúzia de malas com amostras de produtos coloniais.

Eles não te abriam os braços; tu também não. Abriam, de preferencia, as malas e tu abriás os olhos ante as mercadorias desconhecidas. Pai, é para vender, diziam eles. Filhos, eu compro. Era tudo quanto diziam, e um irlandês, amigo, contou-me como era singular a vossa conversa nesse negocio, em que acabavam sempre por se querer esganar um ao outro. Eras tu, que arteiramente, com duas baforadas de cachimbo, dizias ironico e faceiro:

— Olha lá, oh! John Bull Son, tu cuidas que eu sou o compadre Portugal?

E êle, o rapasote, consolado e triunfante, abrindo a ultima caixa:

— Todas estas camisas eram dele...

Largamente riam à minha custa e, ao cabo duns dias, o Johnsito, como uma ave migradora, ia levantar vôo; dizer-te adeus, já de malas vasias, em busca de mais generos, tratar da vida, com cuidados não no lar mas nos caixeiros pilhões, quando o detinhas vigorosamente. Na face de teu filho marcava-se um pasmo, uma surpresa. Que querias mais? O negocio fizera-se sem grande vantagem para êle, porque não te levava a ultima libra. Sabias ter ganho, porque já tinhas compradores pelo dôbro; bebera-se em comum, passara-se os olhos pela Biblia, combinara-se uma nova remessa das mercadorias, rira-se e troçara-se do compadre... Que mais havia a dizer naquela casa onde êle nascêra e tu ficavas? Ah! sim, o *skehands* sacudido, rapido, de bons comerciantes e mais uma piada ao pateta de quem viras as boas camisas de linho na maleta do rapazote... Ele, porém, recuava... Tu meias-lhe na mão, ao apertar-lha, um papelinho, que friamente desenrolava e lia. Depois, num gesto rapido, estendia na palma alguns guineos, tu batia-los na soleira da porta, a verificar-lhe o timbre, e volvias-lhe a demasia.

John Bull, filho, pagava a John Bull, pai, os oito dias de hospedagem no lar, com a mesma serenidade com que lhe era apresentada a conta. Sem factura, mais nada. *All right!* O bom inglês paga e anda...

Quando empilhavas os guineos sobre os outros, no teu cofre, embudido na parede, lembravas-te da forma como eu, Portugal, teu compadre, tratava os meus filhos, quando êles voltavam dos trabalhos e das aventuras nos mares, onde os teus iam explorar aquela labuta de românticos. E rias, John Bull, rias mostrando a tua grande dentuça amarela de carnívoro, ao recordares-te dos beijos, dos abraços, das palavras meigas, que trocavamos e da magnifica festa que se fazia, em que as cousas mais raras, mais preciosas pareciam mesquinhas para festejar o herói e o filho, aquele de quem tinha saudades.

Soodade! oh! *Shocking!*
 Dêste modo. John Bull, compadre de algum tempo, começou o nosso conhecimento, a minha fama e o teu negocio. Eu usava plumas e cobria-me de ferro, saltava para as naus, entregava-me a Deus e batalhava; tu envergavas-te de lã, erguias um balcão, soletravas a Conta Corrente e comerciavas. Eu fazia tudo à aventura, numa grande ancia de saber, tomado da bisbilhotice nacional que me fez querer conversar com o Prestes João, só para poder ralar a Espanha: O' vizinhã, sabe, olhe que sempre existe o tal Prestes... Encantado, o quê? De carne e osso... Olhe o que êle deu ao meu Vasco da Gama... Só para este colloquio de janela para janela, eu fui à India... Tu, compadre, ouvias e não dizias nada. Sorrateiro esperto, ias meter-te com o indio, a segredar-lhe: O meu compadre está aqui, está em pantana... Quere você fazer um cambalacho?

Foi este o começo da nossa vida. Lembras-te? Foi assim que principiei a dar por falta das camisas. John! Cada vez que te lembras de mim, com a affecto de então, que parece a redobrar agora, tremo... E' que vem aí o inverno e receio ficar em pêlo... Na segunda carta te direi porquê, compadre, dalgum tempo. Queria mandar-te um pipo do Porto, mas não tenho. Ele é meu mas tu é que o bebes, tão barato, tão barato, que apesar do preço, da miseria por que o obtens, eu não lhe posso chegar.

Já nem esse licor loiro resta para me aquecer. Até à semana, compadre, à nova carta, que te devo. Não apertes tanto o abraço que me estrangulas.

Selo branco é.....

Palestra com a policia — O roubo da Caixa Geral — Como se chega a conclusões — Os cheques em cheque — A policia e as charadas

Os ladrões em Portugal parecem contar sempre com a cumplicidade dos roubados, com o apoucamento das suas inteligencias, e, sobretudo, com suas inaptidões defensivas.

Da policia sabem eles que estão livres, já porque, mal existe, na acepção do termo, já porque aquela corporação, a que se dá este nome, tem — conforme constatou, ha dias, um official da propria coletividade — apenas duas unicas cordas no seu arco: o pontapé e o palavrão. Ora não é a chulipar e a descompôr que se descobre, por exemplo, o gatuno — o senhor ladrão, é este o nome que lhe cabe, porque roubou 500 contos e não 500 mil reis — o senhor gentilhomem do saque da Caixa Geral dos Depositos.

Naturalmente sabem como se deu o caso, porque não é uso titular de crime a um feito tão alto e tão simplesmente levado a cabo. E', pois, o caso da Caixa Geral dos Depositos. Um individuo, dizendo ser o sr. dr. Jacinto Simões, um dos administradores do Porto de Lisboa, instalou um escritorio em Santa Marta, num quarto andar, arranjou um empregado, mandou-o buscar um livro de cheques, destinado áquele organismo, e, preenchendo-o, com a quantia de duzentos contos, e assinando-o, ordenou ao seu ajudante que fosse buscar o dinheiro. Na Caixa Geral dos Depositos havia ordem para nunca se entregar qualquer quantia, destinada ao Porto de Lisboa, sem a assinatura de dois administradores. O cheque ía apenas assinado por um e não levava o selo em branco. Só para este pormenor o caixeiro chamou a atenção do portador do bilhete bancario. Dai a pouco voltava com o vale chancelado e recebia duzentos contos. Entregou-os ao patrão, que, ante a vitoria alcançada, preencheu outro com mais avultada quantia — trescentos contos — que, do mesmo modo, foram pagos.

Numa terra em que houvesse logica, facilmente se chegaria á descoberta do culpado, empregando os metodos deductivos de Sherlock Holmes no seu mais rudimentar aspecto.

— Ora, sente-se ahi — senhora alta policia — e escute.

A pessoa que praticou esse roubo sabia que na Caixa Geral dos Depositos existia um deposito ás ordens do Porto de Lisboa na importan-

cia de mais de quinhentos contos, pois de outra forma não se atreveria a encher cheques de tão avultadas quantias. Sim; suponha-se que ele pedia duzentos contos e apenas lá estavam cincoenta \$ ordem. Saltava, logo, a desconfiança e talvez a prisão. Ele procedeu pelo seguro. Sabia, pois, quanto ali estava pertencente ao Porto de Lisboa. Também sabia falsificar firmas. Isto, porém, são dois factos correntes. Até em conversa com algum empregado da Caixa ou do Porto de Lisboa, um trecho de impressões escutadas num club ou num electrico podiam dar aquele conhecimento. Emquanto a falsificar assinaturas isso é materia em que até os honrados se exercitam por brincadeira. Ha, porém, um facto, senhora alta policia e esse é estranho. E' o do aparecimento do selo em branco no cheque, minutos depois da sua requisição pelo empregado da Caixa Geral dos Depositos. Este não cumpriu o seu dever completamente, pois devia exigir as assinaturas dos dois administradores, mas pediu o selo em branco e ele surgiu logo, ali bem marcado, chancelando o papel, tornando-o official. No dia seguinte, novamente, se apresentou ao pagamento o outro saque com a respectiva chancela. Parece-me, pois, senhora alta policia, que procurando quem mexe no carimbo respectivo, quem póde deitar-lhe a mão e até quem passa por pé dele, nos escritorios do Porto de Lisboa, se chegará ao individuo que tão facilmente—como se fosse buscar dinheiro seu—roubou uma fortuna na Caixa Geral dos Depositos.

Ainda não percebeu, senhora alta policia, quem foi o ladrão? Ainda não sabe por onde ha de principiar, isto quinze dias depois do roubo? Então minha amiga, é peor que o pateta que nem desvendava as mais singelas charadas. Branco é galinha o põe! Selo em branco é, gatuno o põe!

Oh! policia, policia, tu é que precisavas ser presa por cumplice de tantas ladroeiros.

As férias do assassino de Sidonio

O Minho velhacouto — A' sombra das videiras
e das proteções — Onde vive o matador de Si-
donio — Cascais e suas transformações — onde
se acouta o complice

Nine é uma povoação minhota, onde abunda o milho, è visinha de Famalicão e adora as pompas de Braga outrora canonica.

Falar de Nine é imaginar a viloria com seus quinteiros, hortas e quinchosos, gente de tamancos, duas ou três casas de andares e umas vinhas de enforcado pedindo vindima neste tempo. Os homens vestem de saragoça; as mulheres batucam os sócos; teem da limpeza a ideia do rapozinho ancestral e, emquanto a politica, a população obedece a quem a explora durante o ano agricola, lhe emprenha as cachopas e a manda votar nos dias de eleições. Nine, é um burgo onde os galinheiros se despejam para a rua, os porcos lossam nas estrumeiras camararias, no qual bandeirola um ou outro canavial a cuja sombra, entre um repasto de caldo verde e um cangirão de verdasco se empocilgam os indigenas roubados em seu labor pelos donos da terra, um dos quais se poz de bem com o diabo depois de ter andado a pegar nos andores de Deus e em cujo quinteiro se acoutam rapinantes de toda a casta desde que levem passaporte, salvo conducto, das autoridades republicanas.

Como se sabe ha tempo um governador civil, da familia Rodrigues, trabalhou largamente para sustentar um assassino em vez de o prender porque sem a detonação da arma desse bandido, nem os manos seriam o que são, donos desta republiqueta rodigrinha, nem existeria já esse partido democratico de roubos e de escandalos cujos dirigentes de ha muito deviam ter sofrido a sorte a que o assassinado, dementemente, os poupou. Eles foram os que restabeleceram a legalidade da pena de morte e embora ela seja horrivel aplicada a delictos politicos não lhe deviam escapar os matadores e os ladrões.

Como é corrente, basta uma pessoa de bem entrar em certos misterios para encontrar uns e outros, vestidos de gente honrada, querendo apertar-nos a mão.

Nine, meus amigos, aldea minhota, é uma sucursal deste banditismo porque no concelho e no districto teem imperado, em nome do regimen, verdadeiros encobridores de crimes que preponderam nos mais altos logares.

Pois foi à sombra duma arvore em Nine, na portada dum quinteiro, gosando o ripanço e a frescura, que um jornalista brasileiro — o senhor Orestes Barbosa, cuja especialidade é analisar os grilhetas — foi encontrar o assassinio de Sidonio Paes, regaladamente, como se fosse um rendeiro de sã consciencia gosando dos seus rendimentos.

Um bando facinoroso que já de ha muito devia ter enchido as Penitenciarias é quem o sustenta, o trata, o enaltece e ele, como um cão esfomiado que nunca está contente com os ossos, arreganha a boca, dá-se ares de dominio, ladra aos encobridores, extranha que não o consagrem, e ameaça fazer declarações. Qualquer dia matam-no. O assassino de Sidonio Paes, residente em Nine, vai ser morto pelos que aproveitaram do seu crime. A sua liberdade só incomoda. Para demais já vai dizendo «que não devia ter sido preso» e que «lhe tarda que o Pimenta e o Flavio» «esses gajos» lhe deem noticias da revolução preparada.

Pois Nine era um vergel que transformaram em pocilga e em antro. Ali vive o assassino de Sidonio Paes cujos amigos parecem desconhecer onde fica Nine, o velhacouto.

* * *

Cascais, é uma vila tristonha lançada sobre o mar, extranha, arcaica, na qual outr'ora se fizeram palacetes porque uma côrte ali ía a banhos. Nada tem de notavel alem duma cidadela vetusta onde passeiam rafa-zanas de todo o genero. Veraneou ali, em tempos, o senhor Bernardino Machado, quando presidente da república. Guardava-o uma companhia de sapadores de caminho de ferro. Sentia-se seguro e, todavia, em certa noite se não fosse uma falha . . . Mas nada lhe aconteceria; o barulho da tempestade é que assustou o brasileiro. A signa deste país, desde ha três anos, é como a que sofreu ha um seculo — Governavam-no estrangeiros. Depois dos franceses, Beresford, o inglês, e a seu lado cúmplices da Grande Bretanha. Exactamente como se vai annunciando.

Mas eu ía descrevendo Cascais, vitoria aristocratisada, onde ha um campo de corridas — o da Marinha — outro de *foot-ball*, duas praias nas quais se exibem as duas sociedades que povoam esse burgo: a burguesia e a aristocracia. A sociedade antiga e a dos recém-chegados. A que manda é a ultima mas é que não tem garbo nem cultivo. Apanha mexilhões nos rochedos e janta-os com *champagne* de Lamego. As filhas parecem desdenhar da nobreza e cada vez que passam junto duma autentica senhora analisam-na na ambição de a imitarem. O seu maior desejo seria falar-lhe, frequentar as suas casas, oferecer-lhe os automoveis e o prestimo dos papás. O bando deste genero irrita mesmo quem não pertence a nenhum desses meios.

De quando em quando eu largo do Estoril e vou vê-los. São impagaveis em seus momos e seus ares. Parodiam como simios, as autenticas pessoas educadas. As mulheres conchegam-se sob os toldos como se fossem senhoras e os seus filhos, ridiculmente vestidos, em exageros, arremetem em vez de brincarem. Ha já nas suas facesitas um assomo burguez, hostile; falta-lhes a graça, a doçura do olhar; provocam. Vindas dos novos ricos e dos novos mandarins suam impertinencia. São como os seus cães. Parece que revelam a arremetida dos donos. Um dia destes, pela estrada, veiu um lobo da Alsacia atraz do meu cãesito, que refila como o dono e não se detem ante esse bando de dominantes. O cavalheiro,

proprietario do molosso, não o chamava, não o guardava, parecia querer vê-lo devorar o meu canito como ele engole os degraçados caídos na sua teia de veniaga. E eu senti, imediatamente, o que ha de horrivel nestas duas sociedades que hão de degladiar-se em breve e cuja luta, que já principiou nos homens, se prolongará nos cães de cada grupo.

Toda essa tolerancia, essa audacia, essa impertinencia do invasor de Cascais tornou-o inhabitavel. E' a séde do concelho. As autoridades residem ali e como a aristocracia tem o seu bairro e não perdeu os habitos de se recolher nele, durante a época balnearia, todos os dias é afrontada.

Cascais é um insulto permanente a quem não pensa como os jacobinos. Ouve-se com o rugido do mar, o ranger das imprecações. E tudo aquilo era, outrora belo e calmo; uma cousa tristonha, constitucional. A 28 de setembro, no aniversario dos reis, iluminavam-se as casas e falava-se de pergaminhos.

Ao longe, a Bôca do Inferno era a continuação da vila onde se boquejava numa reserva que ela não tinha ao sentir a vagalhão. A posse de Cascais pelos adversarios do bom gosto e do regimen que ía no seu *ramram*, foi dada na revolta tragica em que a Carbonaria ali espalhou sangue.

Foi assassinado, nessa hora tremenda, um dos filiados da associação — a que presidia o actual presidente do conselho — e que prometera denunciar os seus companheiros nas conjuras contra a monarchia. De Cascais partiu a primeira pedrada da turba, hoje enriquecida, contra as paredes da cidadela historica.

Já lá vão mais de quinze anos e a aristocracia ainda ali veraneia e a invasão dos mercantes da politica e da ganancia vai subvertendo tudo, esmagando a outra sociedade como se o mar galgasse sobre os penedos e derrocasse as antigas moradias.

Dentro em pouco, os de hontem, numa sina fatal de quem não se defende, terão cedido aos seus logares aos audaciosos e as casas que eram dos cortezãos ao rei serão vendidas ou tomadas para regalo dos cortezãos da republica.

Perguntar-me-hão, porem, porque depois da Nine, minhota, onde se refastela, o assassino de Sidonio, impune e à solta eu me lembro de Cascais, antiga estancia realenga?

E' porque ali reside o cúmplice de José Julio, aquele que, tendo fama de estadista e de policia, não o manda prender.

O exercito e os "altissimos serviços á Republica"

Considerações dum bravo militar — O actual estado do exercito — A espionagem recompensada — Os embuscados e a Torre Espada — A hora da Justiça

O major Ferreira do Amaral é um soldado que, segundo ele proprio demonstra, mal cabe no actual exercito portuguez.

O illustre e bravo official, autor da *Campanha da Flandres e... o medo*, não costuma cohibir-se em suas apreciações, e é assim que, criticando o projecto de lei do seu camarada Antonio Maia—outro excelente soldado—relativo aos officiaes do exercito, o comandante do batalhão 15, na grande guerra, usa expansões que, por si só, bastam para definir como no ventre do militarismo portuguez, uma grande e insaciavel tenia se alimenta de excrementos.

Eu, que sou um pobre paisano, já outro dia disse como entrevista essa força armada, que nem tem força nem armas; já mostrei como os invasores de poderes teem minado toda a autoridade dos superiores. Metidos nos *complots* com o camarada sargento, no *soviet do nosso cabo* ha agaloados e isto alem de deprimi-los, lança sobre os que não fazem tais conluios maus olhados dos inferiores.

Eis o que eu disia. Tambem mostrava como um acto de autentica falta aos deveres militares,—a fuga deante de soldados revoltados, e punido apenas com uns dias de detenção,—constituia um incitamento á desordem nas fileiras. Fôra esse o acto praticado por um tribunal de guerra perante as culpas do almirante Leme. Chegava ás minhas conclusões, respondendo a sargentos que se me dirigiram, prégando a disciplina, ante a sua critica a generais.

Pois bem; o que eu exprimira por analyse superficial—visto saltarem á vista os sintomas da desorganisação e incomodarem o olfato os da decomposição—vem agora corroborar-lo, ou antes despi-lo de qualquer delicadeza, que eu usara, ainda, uma grande autoridade no assunto, o major Ferreira do Amaral.

O meu pensamento, ao escrever aquelas palavras, fôra o de organizar uma sociedade. Para isso carecia-se de exercito que a metesse na ordem. A ideia do militar é a de limpar um exercito para poder defen-

der uma sociedade. Ambas as veredas vão dar ao mesmo caminho. Entretanto, o oficial aplicou cauterios onde eu apenas pusera parches.

Ferreira do Amaral fala de militares que *«se reformaram desde 4 de agosto de 1914 e nessa situação se deixaram ficar embuscados até ao armistício, para depois dessa data, e só então, reclamarem da sua situação voltando ao serviço activo»*; trata de outros que *«se reformaram durante a guerra e até em França, e que depois, a título de ALTISSIMOS SERVIÇOS Á REPUBLICA, voltaram ao efectivo depois de acabada a guerra»*.

O prestígio destes oficiais diante do exercito, é nulo. A primeira qualidade de um chefe é a da bravura pessoal; a segunda, a do cumprimento do dever. Não se comprehende que um soldado se acoche diante de tiros e vá luzir a sua farda quando êles se calam. Pois foi o que fizeram esses que, solicitando a reforma, quando troavam os canhões na Flandres e em Africa, surgiram depois, a combater, se combateram, os monarquicos no norte e em Monsanto com a mira de receberem as provas dos ALTISSIMOS SERVIÇOS Á REPUBLICA que lhes garantiriam as distincões. E' que lá longe a guerra amedrontava-os; não se tratava de escaramuças mas de campanhas a valer; por cima das suas cabeças passavam os *Berthas* e o canhoneio duraria anos. Aqui, em Portugal, a luta tinha o aspecto de um exercicio. Conheciam-se os caminhos e seria facil encontrar abrigo em caso de derrota. Sabiam muito bem que não se fusilariam os adversarios. Era até comodo o passo que lhes daria o direito de mais tarde contarem suas proesas.

Foi á grande guerra? *«Não — volverão êles — estive na calçada da Ajuda quando do perigoso assalto da escarpa sagrada de Monsanto...»*

Não viu as trincheiras, não assistiu aos combates contra os alemães?

O quê? Eu tinha outra missão mais alta... Defender a minha querida republica. Reformado como estava, desde o começo da guerra europeia, calcule, que apesar disso, ainda assisti aos terriveis ataques de Penedinho...

Onde é isso...?

Pois não sabe? Parece incrível... E' lá para o norte...

São estes os que *«voltaram ao activo depois de acabada a guerra, rotulados com «OS ALTISSIMOS SERVIÇOS PRESTADOS Á REPUBLICA», a que se refere Ferreira do Amaral, comentando:*

«Como se houvesse serviços à Republica que apaguem faltas de decôro pessoal e militar!» «Eu acho que um regimen para se defender e dignificar não precisa de serviços desses figurões, ou então mal vai a um regimen que precisa disso».

Altivamente, como um soldado conscio de seus deveres, este bravo, em cujo peito se estrelam as mais altas condecorações, ganhas na guerra, não se detem na sua critica acerba, mas duma intensa verdade:

«E os que tendo estado na guerra, deram de si as peores provas, chegando a ser castigados por ineptia, desleixo, incuria, covardia disfarçada, e que a título de GRANDES REVOLUCIONARIOS E MUITO BONS REPUBLICANOS, estão hoje com a folha limpa e até com uma Torre Espada ao peito?»

Desconhecia esse especimen da fauna militar. Imaginava que a Torre Espada se dava apenas a quem a ganhava por sua bravura e aptidões guerreiras, mal julgando que, ao passar diante de um oficial, em cujo peito a fitinha azul destaca, podia olhar um inepto, um desleixado, um covarde

condecorado atit ulo «de GRANDE REVOLUCIONARIO E BOM REPUB-
LICANO».

Faz pena porque me habituara a vêr nos que a usavam, os bravos e os heroes. Nas minhas recordações da infancia ha um velho — o Joaquim Granadeiro — padrinho de minha mãe, e que me levava pela mão, nos dias em que ia receber o soldo á Junqueira. Ganhara a Torre Espada no Alto do Viso, deixando em troca alguns bocados da sua carne no campo da luta. Jamais o esqueci, porque nunca vi maior respeito do que á sua volta. Soldados e officiaes saudavam esse simples veterano, condecorado pelas mãos do seu general, heroe tambem, reliquia de um exercito que se batera. A Torre Espada do Granadeiro vivia na minha alma como um talisman que fazia perfilar os agaloados diante de um velho cabouqueiro analfabeto e que fôra soldado de D. Pedro.

Pois até ella — a condecoração bemdita — esmalta o peito de cobardes? O exercito está bem peor do que eu julgava. — Di-lo um dos seus grandes ornamentos, em frases sentidas e cheias de comoção, mais desesperadas que fustigantes, apesar de parecerem o contrario.

Ha no exercito portuguez uma cousa ainda peor do que isto, do que aponto como um sacrilegio — «o escalracho miseravel que existe entre os officiaes e que valorisa a sua existencia nas fileiras, denunciando a torto e a direito os seus camaradas».

O major Amaral pergunta se «não ha uma lei que escorrace esses miseraveis a pontapés» e responde a si proprio: «não ha, porque é a propria lei que de tudo os absolve se denunciarem os seus camaradas á policia de segurança do estado». Acrescenta ainda que: nobilita «esses esbirros fardados, esses policiaes amadores».

Explude, numa colera sentida, o final da argumentação em que a sua pena chicoteia:

— *A farda é incompativel com a covardia, mas tambem o é com a espionagem militar e doentia que tem feito de alguns officiaes do exercito, esteios do regimen».*

São esses os condecorados pelos «ALTISSIMOS SERVIÇOS AO REGIMEN». Outros não recebem essas honrarias sem terem derramado o seu sangue, e quem o verte não é covarde e um bravo não é espião.

Desoladamente evoca um Beresford, este portuguez que viu junto dêle na guerra, os ingleses disciplinados e desdenhosos dos irmãos de armas — os nossos galuchos — que já tinham comido as colonias em *corned-beef*, como lhes diziam, correndo o risco de rijos pontapés nacionais.

O militar pensa assim; eu, o paisano, apesar das suas revelações e queixas, acho o exercito susceptivel de limpeza, de se tornar digno, de escorraçar do seu gremio os miseraveis, os cobardes e os esbirros.

Sabe quando? Na hora em que para os fuzilar se reunirem todos os officiaes honestos em nome da propria dignidade da sua profissão.

O Senhor Benito, Pedreiro

Da trolha ao carro de Estado—Afirmações simpáticas e idéas doutro tempo — O verdadeiro espirito da democracia—O pedreiro português

O presidente do conselho de Italia, tomou uma resolução que vale mais que todas as frases. Convidado pela cooperativa dos pedreiros milaneses para cimentar a primeira pedra do edificio novo, que vão erguer, no trigesimo quinto aniversario do gremio, êle mandou-lhes dizer que da melhor vontade ajudaria os seus camaradas a levantar um metro cubico de muro, com as verdadeiras ferramentas do officio, em vez de usar a colher de prata destinada ás altas personalidades, isto afim de lhes mostrar que ainda se recordava dos seus tempos da profissão.

Tal desingnio deve ter lisongiado, profundamente, os trabalhadores que vêem um dos seus guindado pelo proprio esforço à construção doutra especie de edificio. Ele, a quem o rei quiz fazer duque e recusa o titulo, encoleirar na Anunciada, que o tornaria seu primo e pede escusa da mercê, afirma agora, o seu antigo officio com orgulho e quere mostrar que não é uma mentira a sua passagem pela trolha e pelo camartelo mas uma realidade ter conseguido elevar-se na escala social—guardando o mesmo temperamento de homem do povo—como outrora trepava para o seu andaime.

E' uma cousa curiosa a afixação dos modernos brazões; as democracias— as verdadeiras, já se vê,— não prescindem dêles. Quando um operario mostra, com orgulho, os calos das suas mãos, equivale a um fidalgo que aponta o seu escudo. Afirma-se que a condessa de Flahaut, a que foi depois a celebre madame de Sousa, sentindo, no inicio da revolução francesa, uma chapada de lama lançada pelo povo contra a sua carruagem, dissera para uma amiga que a acompanhava:

—Substituem o nosso brazão pelo dêles...

Hoje já ninguem seria capaz de soltar semelhante frase ante a analyse que se faz da burguesia grossa, que veiu substituir, sem vantagem, a nobresa.

Essa caterva ambiciosa que mata a tradição, a trôco de poder maquiari os gestos dos antigos senhores e esmagar toda a gente sob os seus automoveis, é que possui o brazão que a fidalga atribuiu ao trabalhador.

Compreendeu-se isto de ha muito e só não o vê quem parodia o

ricasso, na misera classe média, servindo-o e querendo passar por livre e abastado.

Por isso ninguém renega as suas origens, antes as afirma — como fez agora Mussolini — nos países onde existe o verdadeiro sentimento do respeito pelos criadores de esforços.

Aqui, porém, ha uma constante preocupação nos homens de gravata. E' occultarem ter havido tempo em que a não trouxeram. Quasi toda a gente usa um anel de armas e uma insignia heraldica nos bilhetes de visita; um grande desejo paira na sociedade nacional; fingir-se o que não se é com exageros tartarinescos. Do mesmo modo que se afidalgam os carvoeiros enriquecidos, ha demagogos alçados ao poder que berram, mentirosamente, serem filhos de taberneiros. E' outra especie de pergaminhos; os do momento, os feitos para agradar às massas, satisfeitas por julgarem um plebeu de taberna guindado ao tabernaculo.

Se lhes pedirem, porém, que vão carregar com um almude, êles empalidecerão, sentir-se-ão abaixados e serão capaz de dizer que o taberneiro era o visavô e que nem conheceram tal antepassado.

E' que uma diferença fundamental existe entre a puresa de intenção com que se governa e a manigancia com que se pretendem governar certos estadistas. Mussolini, antigo pedreiro, homem do officio, vai levantar um metro cubico de muro diante dos seus camaradas, que o verão de blusa e de trolha, como um dos seus e não como um intruso. Construirá o seu muro e tentará edificar a propriedade da Italia.

Vejamos agora o senhor Antonio Maria da Silva, por exemplo, a quem chamam — fura-paredes — a levantá-las; pensemos, por momentos, o que sucederia. O mesmo que à sua construção governamental. E todavia, êle ainda é pedreiro, embora livre. Quer dizer, com a liberdade de gerar a derrocada.

Os nossos senhores adesivos

Os homens de talento e sua aparição — Como se fazem milagres — A crença póde tudo — Os talentosos de bom fabrico — A frase da Hararu

A publicação dos nomes dos adesivos que mandam na republica levou muitos dos leitores a estabelecerem comigo uma correspondencia á qual me é difficil responder pelo correio.

Quem vive numa vertigem, trata destes casos em globo, pois escrevera cada alvitreiro de per si, embora muitos o mereçam, seria tarefa longa para quem só em seu tempo tem rendimento.

Alguem me fala da falta [de carácter desses transfugas para uma engorda e referindo-se aos homens de valor, que quasi mendigam, pergunta porque não se reúnem afim de levarem a cabo (calcule-se!) nada menos do que a transformação da sociedade portugueza.

Outro quer saber onde se meteram os vultos de valor e ainda este apela para os homens de talento.

Eu respondo: Os jornais, geralmente, apresentam-nos, por dia, um. Em 365 dias sobrenadam outros tantos superhomens. Existem na literatura, na industria, na medicina, na marinha, nas companhias de seguros, na moagem — oh! na moagem! — no teatro, na politica, aos cardumes, na industria aos bandos, no proprio commercio aos litros. É verdade, aos litros. Distilam talento e vendem-no carissimo.

A darmos crédito — e porque não?! — aos periodicos superbundam as inteligencias vastas. Mal se faz um livro de versos tem-se immediatamente prometedor talento; assim que se chega à direção da Associação Commercial apparece-se logo um canteirinho de talento, assim que se entra no Parlamento surge-se illustre, e quando se adrega u na pasta quasi se roça pelo genio.

Conta-se que certo individuo, de grande cotação, entrou para a irmandade do Senhor dos Passos da Graça onde, mercê de sua situação official, lhe deram o cargo de mordomo. Um dia desapareceu uma quantia avultada do coíre da confraria e, ante o pasmo dos mesarios, o seu presidente, friamente, como se dissesse a cousa mais natural do mundo, declarou:

— 12 contos... Sim senhor... Tenho-os eu...

Quando se esperava que os entregasse, no mesmo tom, tornou:

— São meus?

— São seus?! Mas estavam na Caixa...

— E' verdade... mas são meus... Deu-mos o Senhor dos Passos...

Uma grande surpresa se alastrou nas fisionomias e ele, com unção, dirigindo-se aos eclesiasticos, de preferencia, acrescentou:

— Contei-lhe a minha vida, narrei-lhe os embaraços da existencia, disse-lhe, numa confissão cabal, o que me apoquentava e, no fim, de joelhos, solicitei: Senhor, emprestais-me doze contos? A fronte veneranda da imagem teve um clarão e a sua cabeça acenou trez vezes...

Como visse ainda os outros indecisos, exprobroou-os:

— Meus senhores... Acreditam ou não que a santa imagem faz milagres?

— Decerto... decerto... volveram apressadamente.

— Pois este é mais um...

É a vez de perguntar a quem me escreve se acredita na imprensa, sobretudo na grande imprensa, na que espalha os talentos com o largo gesto de semeador atraz do seu arado? Acredita? Nesse caso tem que tomar por seus avalos talentosos individuos que, dia a dia, aparecem no mercado. Não queremos saber se são eles que fazem as noticias impudicamente, se pertencem ás comanditas, se são amigos da casa, o que se sabe é do seu grandioso, do seu enorme, do seu incomensuravel talento.

Resta agora satisfazer a segunda pergunta. Porque não se juntam? Porque não se reúnem para levar a cabo—olha que tarefa!—a transformação da sociedade portuguesa.

Eu não pertenco ao numero das pessoas a quem as gazetas contemplam com aquela designação mas já tenho falado com varios dos condecorados e atrevo-me a responder:

— E' que eles proprios não dão pelo talento que teem e não se podem reunir ignorantes de tanto tomo para tarefa de tanta inutilidade.

No que eu continuo a acreditar é na sociedade portuguesa—intransformavel, sobretudo diante daquela catilinaria da rainha de Ararú—no seculo XV—e a qual foi dirigida ao capitão das Molucas que muito lhe prometera e nada lhe dera, apòs seus sacrificios:

«O galardão da nação portuguesa mais pende da adherencia que do merecimento de pessoa».

Daí, e desde então,—amigo meu—o triunfo dos adherentes e o resto.

na industria dos barões no proprio commercio dos livros. E verdade que

lhos. Dittam talent e verdam nu consistim.

A dattim crédito—e porque não?!—os periodicos suas-bundam

es intelligencias varias. Mas se faz um tiro de vezes tam se mandam

mentis principibos tabam; assu que se chega á dttção da Mttscop-ta

Commett epasco se logo um dttalim de talent, assim que se entra

no Parlamento surge se listre, e quando se abrem una pazis quasi se

toca pelo lenio.

Conto-se que certo individuo de grande colação, entrou para a firma-

da de Senhor dos Passos da Direcção onde, antes de sua situação ofi-

cial, lhe dattim o cargo de mordomo. Um dia desapareceu una

quarta avaliada do corre de contracta e, ante o panno dos mesarios, o

seu presidente, frimista como se dttesse a cousa mais natural de

avuldo, dttator:

— 12 contos... Sin senhor... Tenho de eu...

